

OSKAR HANSEN: FORMA ABERTA



DOSSIER PEDAGÓGICO

Conceção: Inês Caetano e Rita Martins

Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea de Serralves

OSKAR HANSEN:

FORMA ABERTA

30 JAN – 03 MAI 2015

Museu de Arte Contemporânea de Serralves

INTRODUÇÃO

Este dossiê pedagógico é uma ferramenta de trabalho destinada a educadores e professores que nos visitam com os seus alunos dos diferentes níveis de ensino. Visa auxiliar a visita à exposição "Oskar Hansen: Forma Aberta" através de propostas de trabalho a desenvolver durante o percurso e, antes e depois deste, em sala de aula, fornecendo pistas para a orientação de conversas ou para a conceção de atividades relacionadas com a exposição.

O dossiê está dividido em duas partes:

- a primeira apresenta informação sobre o arquiteto e artista Oskar Hansen;
- a segunda contém propostas de trabalho divididas em sugestões de reflexão e atividades práticas.

Para as escolas, o trabalho arquitetónico e as teorias pedagógicas de Oskar Hansen apresentam uma interessante oportunidade de aplicabilidade à educação artística, ao desenvolvimento das faculdades criativas e relacionais do indivíduo e do grupo, que colocam a interação com o outro, o intercâmbio e a socialização do objeto artístico no centro das atenções. Todas estas valências permitem que a arte tenha um papel mais ativo como promotora de experiências e conhecimento, fora e dentro da sala de aula, transversais a todos os conteúdos curriculares, designadamente nas áreas disciplinares de Português, Estudo do Meio, História, Geografia, Matemática, Formação Pessoal e Social, Educação Cívica, Educação Tecnológica e Artes Visuais.

VISITA E VISITA-OFICINA PARA ESCOLAS

Os professores têm oportunidade de realizar com os seus alunos uma visita ou uma visita-oficina mediante marcação. Esta última atividade tem duas componentes: uma de reflexão teórica dialogante e outra de prática criativa.

MARCAÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades destinadas a grupos e escolas estão sujeitas a marcação prévia junto do Serviço Educativo, de segunda a sexta, das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h00.

A marcação deve ser feita com pelo menos 15 dias de antecedência:

- **Ficha de pré-marcação disponível online**
- **Ficha de pré-marcação (preencher e enviar por e-mail)**

CONTACTOS:

Cristina Lapa:

ser.educativo@serralves.pt

Tel: (geral): 22 615 65 00

Tel: 22 615 65 46

Fax: 22 615 65 33

Todo o Programa de Visitas e Encontros em torno desta exposição pode ser consultado no roteiro disponível na receção do Museu e também no site de Serralves em www.serralves.pt.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: A EXPOSIÇÃO

I. CONTEÚDOS

1. BIOGRAFIA

2. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL E POLÍTICO DA EUROPA NO PÓS-GUERRA

3. OBRA

4. ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

5. OBRAS NA EXPOSIÇÃO

- 5.1 Aparelhos Didáticos
- 5.2 Active Negative
- 5.3 Casa Szumin
- 5.4 Sistema Linear Contínuo

6. MANIFESTO DA FORMA ABERTA

7. LEITURAS COMPLEMENTARES

II. PROPOSTAS DE TRABALHO

1. PROPOSTAS DE REFLEXÃO E ATIVIDADES

- 1.1 Preparando a visita
- 1.2 Na visita
- 1.3 Regresso à sala de aula
 - Para discussão
 - Atividades práticas

INTRODUÇÃO

A EXPOSIÇÃO

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves apresenta pela primeira vez em Portugal a obra do arquiteto, urbanista e pedagogo polaco Oskar Hansen (1922-2005) na exposição "Oskar Hansen: Forma Aberta". Esta exposição traça a evolução da sua teoria da Forma Aberta, desde a sua origem em projetos arquitetónicos até à sua aplicação em filmes, jogos visuais e práticas performativas realizadas por ele e por outros artistas.

"Oskar Hansen: Forma Aberta" será a primeira oportunidade para ver agrupados os seus projetos, concebidos tanto na Polónia como no exterior, e centra-se no importante papel que Hansen desempenhou nas transformações ocorridas na arquitetura e no urbanismo do pós-guerra, mas também nos avanços que promoveu na teoria do espaço e na pedagogia da arte e da arquitetura. Através da exibição de maquetas, desenhos e filmes, traça-se a evolução da teoria da Forma Aberta, uma estratégia de planeamento arquitetónico concebida para contrariar os cânones que dominavam então a arquitetura (nomeadamente o seu carácter rígido, tautológico e fortemente autoral) através da valorização da indeterminação, da flexibilidade e da participação coletiva na definição dos espaços arquitetónicos. Para Hansen o papel do arquiteto na modelação do espaço limitava-se à criação de um "contexto criativo", cabendo à arquitetura expor a diversidade de atividades e de indivíduos que partilham um mesmo espaço. Centrado no processo, na subjetividade e na criação de um enquadramento para a expressão individual, através da sua teoria da Forma Aberta, Hansen converte a arquitetura num instrumento a ser transformado pelos seus utilizadores e facilmente adaptado às necessidades dinâmicas destes. Associado ao grupo de arquitetos Team 10, Hansen apresentou a Forma Aberta no encontro de Otterloo de 1959. Começou as suas experiências com a Forma Aberta logo em 1955 e continuou a desenvolvê-la através de uma série de projetos em várias escalas, desde pequenas instalações e exposições até ao Sistema Linear Contínuo, um plano de Forma Aberta em larga escala para a nação polaca e para o continente europeu. Embora esta abrangência territorial possa sugerir que a Forma Aberta seria uma técnica autoritária e dominadora que previa todas as situações, a sua estratégia era antes desenvolver estratégias de participação. De facto, a noção de Forma Aberta era em si mesma aberta para Hansen: aberta à possibilidade contínua da sua própria transformação, aberta à influência de práticas adjacentes - ele cita os Situacionistas, por exemplo - e aberta à apropriação por parte dos seus estudantes na Academia de Belas Artes de Varsóvia.

A exposição, comissariada por Łukasz Ronduda e Aleksandra Kędziorek, é organizada pelo Museu de Arte Moderna de Varsóvia e pelo MACBA (Museu de Arte Contemporânea de Barcelona), em associação com o Museu de Arte Contemporânea de Serralves.

I. CONTEÚDOS

1. BIOGRAFIA

Nikolai Oskar Hansen (12/04/1922, Helsínquia, 11/05/2005, Varsóvia) – Arquiteto visionário, teórico, pintor, escultor, professor e designer de interiores. Era casado com a arquiteta Zofia Garlinski-Hansen, que conheceu enquanto estudava na Faculdade de Arquitetura, com quem desenvolveu diversos projetos arquitetónicos.

Estudou na Faculdade de Engenharia Mecânica da Universidade Técnica de Vilnius (formou-se em 1942), e na Faculdade de Arquitetura da Universidade Tecnológica de Varsóvia, Polónia (formou-se em 1951, com Romuald Gutt). Em 1942 participou na 2ª Guerra Mundial alistado no exército finlandês contra o regime soviético. Foi prisioneiro em Riga, tendo sido encaminhado como trabalhador para uma quinta na Letónia, conseguindo escapar para Vilnius. Foi feito novamente prisioneiro, desta vez pela Gestapo.

Em 1948 foi para Paris, onde estudou pintura com Fernand Léger e praticou arquitetura com Pierre Jeanneret. É em Paris que descobre o interesse pela crítica e análise da arte bem como o fascínio por Picasso, Alexander Calder e Paul Klee.

A partir de 1950 começa a lecionar na Academia de Belas Artes de Varsóvia. O seu ensino e as teorias que virá a desenvolver ao longo do seu percurso como pedagogo e arquiteto tiveram um enorme impacto sobre os seus alunos.

Em 1952 apresenta um projeto de adaptação do cinema *Świat* num desenho arrojado que contradizia algumas das doutrinas do realismo socialista. Este projeto não foi concretizado e serviu de pretexto para diversas tomadas de posição públicas contra a arquitetura de Hansen que, daí em diante, ficou impossibilitado de construir obra, tendo-se então dedicado à pintura, à escultura e ao desenho de pavilhões de exposições.

Em 1959 apresenta a Teoria da Forma Aberta no 11º Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM), em Otterloo. Associado ao Team 10 (grupo de arquitetos formado em 1953 que se assumiu como uma voz crítica em relação aos princípios arquitetónicos e urbanísticos do modernismo), participou num intenso debate sobre a condição da arquitetura moderna e a necessidade de redefinição do modelo do congresso, já que a realidade do pós-guerra alterara significativamente a maneira de pensar a arquitetura. A apresentação de Hansen foi uma das mais importantes, opondo-se à "Closed Form" antes defendida nos Congressos, uma visão funcionalista com forte influência do movimento construtivista na arquitetura.

Ao longo da sua carreira, Hansen desenvolveu vários conceitos arquitetónicos e urbanísticos e concebeu diversos projetos, que mais adiante apresentaremos. Escreveu também vários textos e ensaios, e os seus dois livros (*To See the World* e *Open Form*) foram publicados postumamente em 2005.

2. CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL E POLÍTICO DA EUROPA NO PÓS-GUERRA

Em termos políticos e ideológicos a Europa no pós-guerra foi dividida pelos Aliados em dois blocos distintos: a Europa Oriental, de ideologia marxista-leninista, sob domínio da URSS, e a Europa Ocidental, com uma democracia liberal e capitalista e forte presença política e económica dos EUA. Em agosto de 1945, Churchill utiliza a famosa expressão “iron curtain”, cortina de ferro, para se referir à linha de fronteira entre os países ocidentais e os países alinhados com a União Soviética. Num contexto político de confronto e disputa, a reconstrução das cidades devastadas pela guerra torna-se uma prioridade dos dois blocos.

No Ocidente, os EUA lançam o Plano Marshall, o European Recovery Programme, rejeitado pela União Soviética e por todo o bloco de leste, por se basear na economia de mercado e entrar em conflito com a política económica dos países socialistas, centralizada e controlada pelo Estado. Este plano proporciona a recuperação económica da Europa Ocidental, a reconstrução das cidades, que de uma maneira geral adotam o urbanismo moderno como base do ordenamento territorial do pós-guerra. São envolvidos grandes mestres da arquitetura moderna como Walter Gropius, Oscar Niemeyer, Alvar Aalto, Jaap Bakema, Le Corbusier, entre outros, ilustrando os princípios liberais democráticos e o direito à individualidade e à criação artística.

Na Europa Oriental a reconstrução urbana vem carregada de forte conteúdo ideológico e, sob determinação de Moscovo, adota o realismo socialista como ideário urbano e arquitetónico das cidades. Daí resultou um ambiente caracterizado por espaços urbanos de acentuada axialidade e edifícios de escala monumental, onde o ecletismo historicista (neoclássico, neogótico, entre outros) vem constituir o cenário do poder soviético em cidades como Rostock, Berlim, Dresden e Leipzig na Alemanha Oriental; Cracóvia e Varsóvia, na Polónia. Para expressar essa nova ordem política, Estaline, a exemplo de outros ditadores ao longo do século XX (Hitler, Mussolini, Franco, Salazar e Ceausescu), usa a arquitetura e o desenho urbano para criar um cenário ideologicamente apropriado para a construção do “homem novo” e da “nova sociedade”, homogénea e coletivizada.

Com a morte de Estaline, em 1953, a arquitetura moderna retorna livremente à Europa Oriental através do programa lançado por Nikita Khrushchev que, entre outros aspetos, critica firmemente a arquitetura estalinista e a sua dispendiosa ornamentação. Simultaneamente, incentiva a industrialização e a pré-fabricação da habitação popular nos enormes conjuntos residenciais para a classe trabalhadora, e iniciam-se pesquisas que visam a padronização e economia da construção. Novos materiais, novas tecnologias, nova arquitetura – novo design estrutural, funcional e utilitário. A partir da década de 1960, a Guerra Fria intensifica-se com a construção do Muro de Berlim, que marca o encerramento definitivo da fronteira com o Ocidente. Mas assiste-se em ambos os blocos do continente europeu a uma enorme produção de arquitetura moderna e ao distanciamento do ornamento eclético e anacrónico e da monumentalização da construção característicos do período estalinista. Em simultâneo, novas teorias e ideais surgem no horizonte arquitetónico e urbanístico na segunda metade do século XX (contestando a arquitetura modernista umas, apoiando-a outras), contemporâneas de Oskar Hansen e das suas ideias da Forma Aberta.

3. OBRA

Ao longo da sua carreira Oskar Hansen realizou desenhos, pinturas, projetos de arquitetura, esculturas, maquetas, dispositivos didáticos, filmes e escreveu ainda diversos artigos, o Manifesto da Forma Aberta e dois livros publicados postumamente.

O que mais sobressai na sua obra é a ideia de Forma Aberta que se assume como uma teoria, uma atitude, um sistema, uma ferramenta de relação espacial e intersubjetiva. Foi caracterizada por Hansen pela sua abertura à valorização do processo de aprendizagem e aquisição de conhecimento, o igualitarismo, o foco no ser humano, a confiança em escolhas conscientes e pela transformabilidade.

Um dos campos de atuação de Oskar Hansen foi a educação e também aqui aplicou a sua teoria incentivando os alunos a compreender e perceber o mundo à sua volta através de diversas estratégias, onde a participação e a aprendizagem ativa se evidenciam. Em conjunto com os seus alunos Hansen construiu vários aparelhos didáticos que potenciavam o estudo de numerosos fenómenos visuais e que ainda hoje continuam a ser usados e podem ser manipulados.

Como arquiteto, Hansen passa a interessar-se mais pelo processo, pela subjetividade e pela criação de uma estrutura para a expressão individual. Entende a arquitetura como um instrumento para ser transformado pelos seus utilizadores e que facilmente se adapte às suas necessidades de mudança, onde flexibilidade e transformação são palavras de ordem. É ainda na arquitetura que desenvolve o conceito de "Active Negative" (explicitado mais à frente neste dossier).

Neste campo realiza diversos projetos de diferentes escalas, destacando-se a Casa Szumin (que concebe em coautoria com a sua mulher, Zofia Hansen), onde materializa muitas das ideias presentes na sua teoria; o Estúdio Experimental de Rádio Polaca; o Museu de Arte Moderna de Skopje, o Pavilhão "My Place, my Music" e os diversos pavilhões que representaram a Polónia internacionalmente em bienais e feiras, pois era neste tipo de projeto que tinha liberdade para experimentar outras formas de expressão.

Em termos urbanísticos desenvolve o conceito de Sistema Linear Contínuo para o desenho de cidades, no qual incorpora princípios da sua teoria da Forma Aberta. Nas suas propostas, Hansen procurava a harmonia com a pré-existência e os recursos naturais; o equilíbrio entre zonas residenciais, serviços, circulação/transportes e zonas industriais e tentou de diversos modos potenciar a participação dos moradores na definição das suas construções. Destacam-se aqui o complexo habitacional Juliusz Słowacki, o complexo Przychówek Grochowski e os estudos do Western Belt.

4. ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

A exposição “Oskar Hansen: Forma Aberta”, apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, é fruto de uma investigação sobre a obra deste arquiteto desenvolvida pelos curadores Łukasz Ronduda e Aleksandra Kędziorek, da qual resultou também um livro que conta com a colaboração de vários investigadores e teóricos da arquitetura e da crítica de arte (a este propósito, veja-se a secção Leituras Complementares no final deste dossier).

A exposição foi anteriormente apresentada no Museu de Arte Moderna de Varsóvia, na Polónia, e no MACBA – Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, em Espanha. No entanto, em Serralves, para além de apresentarem os projetos através dos quais Hansen desenvolveu a sua teoria da Forma Aberta, os curadores deram uma forte ênfase à dimensão didática da obra de Hansen, centrando-se tanto nos métodos pedagógicos que desenvolveu como na forma como o seu ensino influenciou a produção artística dos seus alunos e, conseqüentemente, a arte polaca atual.

A exposição apresenta-se em dois espaços do museu, interligados por uma estrutura concebida por Hansen para exprimir uma relação orgânica entre o espaço exterior e o espaço interior. No primeiro espaço, as galerias de exposição no piso de entrada do Museu recebem dois núcleos: “Arquitetura de Eventos” e “Políticas da Escola”. Num piso inferior, no mezanino da Biblioteca, a secção ‘A tradição da Forma Aberta’ apresenta diversos filmes e vídeos que mostram o modo como o conceito de Forma Aberta foi apropriado por outros artistas. Concebida de modo a exprimir vários conceitos presentes na obra de Oskar Hansen, a arquitetura da exposição é também parte integrante da mesma.

Para uma informação mais detalhada acerca da organização do percurso expositivo, consultar o roteiro da exposição “[Oskar Hansen: Forma Aberta](#)”

5. OBRAS NA EXPOSIÇÃO

5.1 APARELHOS DIDÁTICOS

Os aparelhos didáticos concebidos por Oskar Hansen são ferramentas, na sua maioria construídas em madeira, com as quais se pode interagir. Algumas foram desenvolvidas em colaboração com os seus estudantes, durante a sua carreira como professor na Academia de Belas Artes de Varsóvia (entre 1952 e 1981). Estes dispositivos didáticos tinham como objetivo ajudar os alunos a investigar, explorar e compreender questões relacionadas com a perceção de fenómenos visuais, legibilidade, composição, ritmo, relação figura/fundo, analisados através dos princípios da Forma Aberta e estendendo-se à compreensão do próprio espaço. O filme e a fotografia eram usados para registar as fases dos exercícios, as sequências de movimentos e resultados de composição.



5.2 ACTIVE NEGATIVE

Active Negative é um conceito que exprime uma fase de concepção do projeto arquitetônico, um modo de compreender e modelar o espaço-tempo interior, estimulando a diversidade de percepções, a imaginação e incentivando um relacionamento ativo com o espaço de vivência arquitetônica. Foi inicialmente desenvolvido por Hansen para o apartamento na Rua de Sędziowska em Varsóvia, sendo depois também explorado pelos alunos de Hansen como um método para estudar relações espaciais que converte a análise de um interior arquitetônico num estudo escultórico emocional. Na prática, este estudo passa pela elaboração de uma escultura que traduz o modo como o espaço é percebido por um indivíduo. Sobre o mesmo espaço surgem esculturas diferentes, uma vez que cada uma é expressão da subjetividade do seu autor.

Este conceito é explicado por Hansen através do seu oposto, o negativo passivo. O negativo passivo seria um molde objetivo do espaço interior – o resultado, por exemplo, de enchermos o espaço interior de uma sala com gesso e retirarmos depois as paredes e o teto. Este seria um molde passivo do interior. O “negativo ativo” é a transformação desse molde interior (negativo passivo) incorporando as nossas percepções visuais, a nossa relação com esse espaço, as nossas sensações e emoções.



5.3 CASA SZUMIN

Situada junto ao rio Bug, a Casa Szumin é a casa de férias da família Hansen e foi desenhada pelo casal contemplando as necessidades de todos os elementos da família. Assumiu-se como um laboratório de experiência arquitetónica livre das imposições do regime, onde se materializaram as ideias da teoria da Forma Aberta no que diz respeito à arquitetura: franca abertura ao exterior, fluidez interior, capacidade de promover comunicação e relacionamento, abertura à apropriação por diferentes utilizadores, capacidade de adaptação às diferentes necessidades dos seus moradores, exploração do conceito de *Active Negative* nos cheios e nos vazios. No interior promovem-se experiências artísticas visuais e sensoriais, o que é evidente na presença dos aparelhos didáticos, na posição e enquadramento das janelas e principalmente na escolha dos materiais de revestimento, cores e texturas que resultaram de estudos de composição.

Esta casa levantou questões relacionadas com a permeabilidade do espaço e a sua integração no ambiente envolvente. A posição das janelas, o modo como a cobertura está realizada – sugerindo que nasce da terra – e a ausência de uma porta enfatizam esta simbiose com o lugar, onde a natureza é parte integrante da obra. Simultaneamente consegue-se com estas estratégias concretizar um outro princípio da *Forma Aberta* – uma transição de escalas.

A casa tornou-se ainda uma ferramenta educacional, não só na experimentação prática da teoria de Hansen, mas também ao servir para visitas e encontros de estudantes.



5.4 SISTEMA LINEAR CONTÍNUO

O Sistema Linear Contínuo (SLC) é um sistema de planeamento urbano proposto por Hansen em resposta ao prognóstico de rápido desenvolvimento demográfico da Polónia e conseqüente problema de expansão urbana. Apresenta-o como uma definição espacial a megaescala, semelhante à New Babylon de Constant Nieuwenhuys (Amsterdão, 1920 – Utrecht, 2005) e às Megaestruturas do arquiteto francês Yona Friedman (Budapeste, 1923), mas no seu caso obedecendo aos critérios da Forma Aberta, tendo como princípios: desejo de aprender, participação, arte como base ao serviço de eventos, flexibilidade e crescimento, valorização da vida e da natureza, escolha consciente, equilíbrio ecológico, conforto visual e redução da ameaça de guerra e destruição.

Hansen propunha substituir os convencionais centros urbanos tendencialmente cêntricos ou com centros definidos, por cintos lineares multifuncionais – pontualmente atravessados por determinados elementos transversais – que favoreciam a mobilidade, a relação campo-cidade (explorando o melhor dos dois) e procuravam condições igualitárias, construindo cidades em forma de rede que se estendiam pela Polónia e por toda a Europa.

Propondo transições harmoniosas entre o existente e o novo, o sistema procurava, através de uma abordagem flexível, um equilíbrio entre zonas residenciais, serviços, transportes e indústria, procurando garantir a todos os habitantes condições semelhantes no que diz respeito à qualidade de vida, igualdade de acesso à cultura e à natureza, bem como à possibilidade de expressão individual. Os projetos arquitetónicos e urbanísticos concebidos no seio do SLC poderiam ser modificados e completados individualmente, convidando assim à participação e acolhendo a expressão da subjetividade dentro de uma organização social coletiva



6. "MANIFESTO DA FORMA ABERTA" OSKAR HANSEN, 1959

A distinção entre escultura contemporânea e as obras de Miguel Ângelo em termos de diferença e da sua relação com o espaço é ainda uma questão de alterações superficiais? A ideia fundamental subjacente ao desenho composicional das estruturas residenciais da Interbau em Berlim (1957) centrava-se na representação das diferenças entre as individualidades dos seus habitantes? Esses edifícios estavam preparados para absorver as mudanças e os acontecimentos verificados durante o tempo de vida da forma? Caracterizo aqui diversos tipos de intervenção visual apenas com o intuito de chamar a atenção para a sua inutilidade na satisfação das nossas necessidades contemporâneas. Essas obras são antes de mais monumentos pessoais aos seus autores. Assim, parece que não podiam deixar de ser mais ou menos alheias a cada um de nós. Sendo composições herméticas, cheias até à borda, tornam-se perentórias e desse modo sugerem impenetrabilidade a vários níveis... Esses monumentos são o corolário da composição por via da forma fechada, na qual os componentes formais, e frequentemente também os contextuais, são fixos. São passivos em relação à mudança dos tempos. No instante em que nascem tornam-se antiguidades. Forma fechada. A decisão tomada em meu nome. O processo passa-me ao lado. Não há hipótese de encontrarmos aqui a nossa identidade, o nosso eu. Estes são os sentimentos e as memórias de outras pessoas, as casas e as habitações de outras pessoas.

Como encontrar uma saída para esta situação? Parece que hoje – fazendo uso da vasta produção da forma fechada com o apoio de novas formas de educação visual e com a nova organização dos recursos –, neste momento, podemos iniciar a criação de uma nova arte orgânica do nosso tempo, a arte que é composicionalmente baseada na forma aberta. Ela despertará em cada um de nós o desejo de existir, ajudar-nos-á a definirmo-nos e a encontrarmo-nos no espaço e no tempo em que vivemos. (Esta nova arte) será o espaço que se adequa à nossa psique complexa, e no entanto não inexplorada, e sê-lo-á porque nós constituiremos os elementos orgânicos dessa arte. Caminharemos através dela e não em volta dela. A individualidade diversificada, com toda a sua aleatoriedade e energia, tornar-se-á a riqueza deste espaço, a sua participante.

Tratando-se de uma composição de subtexto espacial, converter-se-á num fenómeno multifacetado, permanentemente vivo. Em relação às convenções da forma fechada, que essencialmente envolvem a construção do objeto acabado, as convenções da composição aberta implicarão a atividade definida (como) "moldura" das mudanças que ocorrem no espaço. Será a arte dos acontecimentos. O tempo atua de forma mais pujante do que era habitual, quando ainda podíamos confiar no completamente imutável, na relação fixa para todo o sempre entre os elementos (da forma). A forma aberta não é só uma descoberta especulativa dos nossos dias. É acima de tudo a conclusão pós-observacional das configurações existentes."¹

¹ In Oskar Hansen, "Forma Otwarta", *Przegląd Kulturalny*, vol. 5, nº 5, 1959, p. 5.

7. LEITURAS COMPLEMENTARES

- O livro que acompanha a exposição, editado por Aleksandra Kędziorek e Łukasz Rodunda e publicado pelo Museu de Arte Moderna em Varsóvia, inclui, além dos ensaios dos dois curadores sobre a Casa Szumin que celebrizou Oskar Hansen e o seu papel enquanto pedagogo, textos de Joan Ockman, Łukasz Stanek, Andrzej Szczerski, Felicity D. Scott, Łukasz Mojsak, Tomasz Fudala, Katarzyna Murawska-Muthesius, Jola Cola, Karol Sienkiewicz e David Crowley. Além destes ensaios, a publicação contém ainda uma detalhada biografia de Hansen, que permite acompanhar passo o passo o percurso do arquiteto polaco enquanto teórico eminente, urbanista visionário e professor influente.
- Oskar Hansen, Towards open form, Frankfurt am Main: Revolver e Varsóvia: Foksal, 2005.
- Aleksandra Kędziorek, Łukasz Ronduda, Oskar Hansen Opening Modernism. On Open Form Architecture, Art and Didactics, Varsóvia: Museu de Arte Moderna em Varsóvia, 2014
- Jan Smaga, Filip Springer, Aleksandra Kedziorek, The House as Open Form: The Hansen's Summer Residence in Szumin, Varsóvia: Museu de Arte Moderna em Varsóvia, 2014

II. PROPOSTAS DE TRABALHO

1. PROPOSTAS DE REFLEXÃO

1.1 PREPARAR A VISITA

Antes da visita ao museu podemos começar a descobrir o universo de ideias de Oskar Hansen.

Sugerimos a leitura do Manifesto da Forma Aberta, bem como algumas conversas e debates acerca de ideias que estão na base da obra deste artista. Após a visita algumas das questões podem ser retomadas e as leituras sobre as mesmas alargadas; sugerimos para isso o registo escrito sob a forma de mapas mentais, onde as partilhas vão crescendo e abrindo novas perspetivas para todos, cruzando assim o individual e coletivo.

- O que é uma casa? Que forma tem? Para que serve? Como nos apropriamos dela? Como comunicamos com os outros habitantes desse espaço? O que mudaríamos nela?
- O que é uma cidade? O que existe nela? Como funciona? Que forma tem? Como gostaríamos que fosse?
- O que se entende por Forma Aberta?
- O que é o negativo? Que forma tem?
- O que significa trabalho participativo, coletivo

1.2 NA VISITA

Durante a visita as palavras de ordem são: ver, ouvir, explorar, pensar, interpretar, descobrir, interagir e aprender. No caso de não usufruírem de uma visita orientada, ficam aqui algumas pistas para que o olhar esteja alerta e o pensamento sempre em ação. O confronto com ideias nunca antes pensadas e obras inesperadas vai permitir que novas aprendizagens sejam potenciadas.

- A teoria da Forma Aberta é apresentada logo no início não através de palavras, mas de imagens. Que múltiplos sentidos encontram? Como é que as imagens exprimem a experiência da Forma Aberta?
- Que diferença faz o artista entre forma aberta e fechada? Procurem a fotografia onde ele o explicita.
- Manipulando os aparelhos didáticos, criem uma composição coletiva. Observem de longe e de perto. Que ritmo tem? Que imagem constrói? O que pode significar? Qual a relação com o seu fundo?
- Descubram mapas de cidades. O que fazem lembrar os desenhos de cidade do artista? Que forma têm? Que diferenças encontramos em relação à cidade ou sítio onde vivemos?
- Analisem as fotografias da casa de Szumin. De que modo ela representa a teoria da Forma Aberta? Que tipo de relações estabelece com o exterior? Como estão organizados os espaços interiores e exteriores? Como comunicam e interagem os seus moradores? Gostariam de morar ali?

1.3 DEPOIS DA VISITA

Após a visita, surgem novas leituras em torno da obra e das teorias de Oskar Hansen. As experiências e aprendizagens iniciadas podem agora aprofundar-se e estender-se à sala de aula através de reflexões e algumas sugestões de atividades práticas. Aplicando aqui o conceito de Forma Aberta, as propostas seguintes podem seguir caminhos imprevisíveis, individuais e coletivos, estando abertas à interpretação e apropriação dos diferentes níveis de ensino e campos disciplinares.

PARA DISCUSSÃO

Algumas palavras-chave a explorar: Forma Aberta, arquitetura móvel, pedagogia, urbanismo, aparelhos didáticos, participação, coletivo, flexibilidade, indeterminação, Active Negativo e Sistema Linear Contínuo.

- Como interpretam agora o conceito de Forma Aberta?
- O que nos diz o vazio dos espaços que habitamos? Como ativamos esses negativos? Que emoções e sensações eles provocam?
- Que vantagens e desvantagens tem uma cidade que obedeça ao conceito de Sistema Linear Contínuo?
- O que gostariam de perguntar ao artista?

ATIVIDADES PRÁTICAS

“Composição imprevista”

Cada aluno leva um objeto de casa e todos juntos criam uma composição onde leituras imprevisíveis irão surgir. Um de cada vez, podem ir mudando um objeto de lugar ou adicionando elementos da sala, criando uma situação nova. A composição deve ser vista de diferentes ângulos. Este pode ser o ponto de partida para a exploração de temas como: percepção, noção de escala, perspectiva, figura/fundo, interpretação, participação, performance, comunidade. Podem ser realizados registros desenhados ou escritos se for potenciada a descoberta de narrativas indeterminadas.

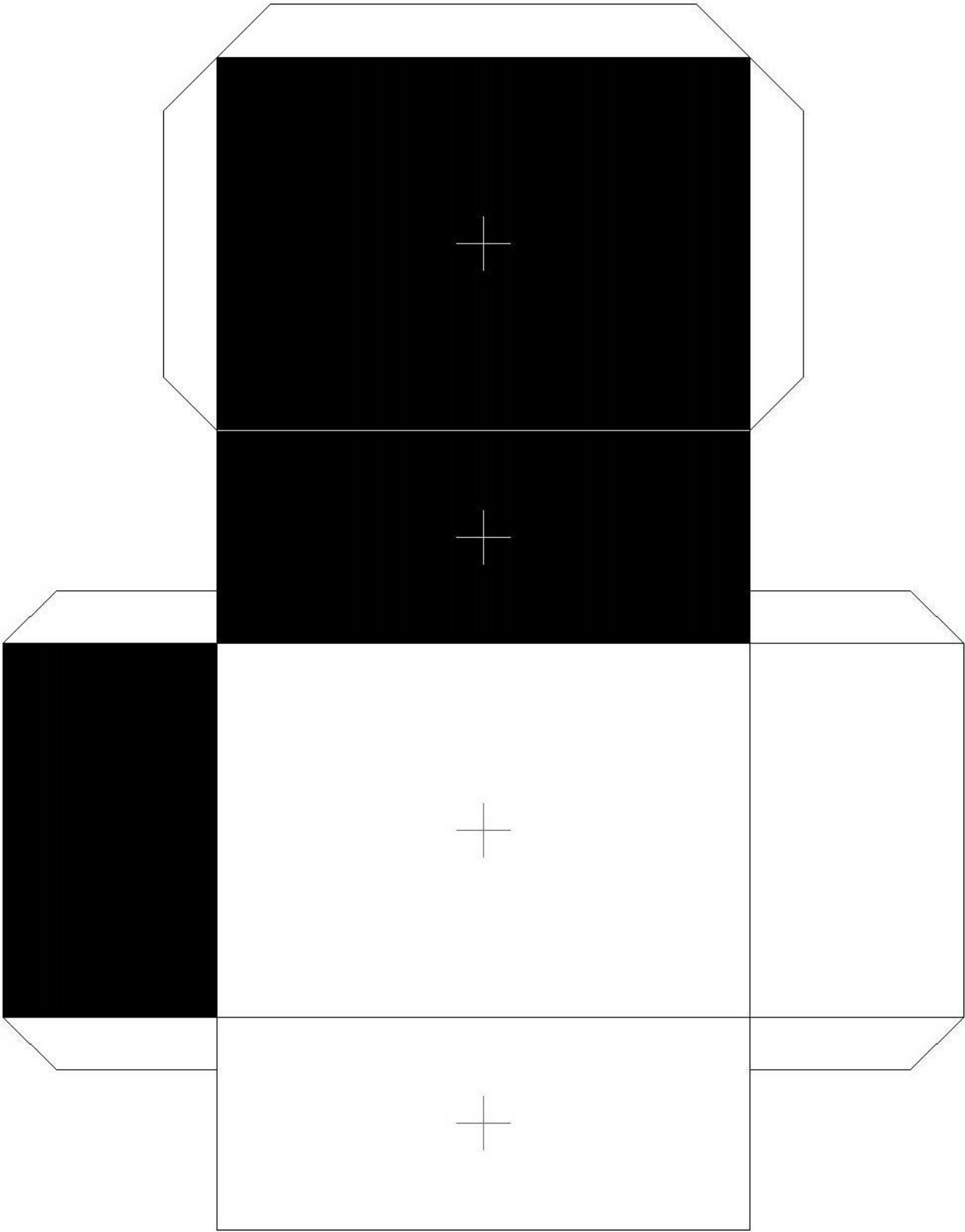
“Negativos emocionais”

Nesta atividade desafiamos a explorar o conceito de negativo ativo. Desenha um local da escola: sala de aula, corredor, refeitório, entre outros maiores ou mais pequenos e imagina que enches esse espaço. Transforma esse vazio numa escultura usando barro, resina, gesso, plasticina, cartão ou pasta de papel. Humaniza-o, dá-lhe voz, transferindo para a peça as sensações e relações afetivas que tens com o espaço escolhido.

“Olhos que veem, mãos que transformam”

Esta proposta é desenvolvida na visita-oficina à exposição de Oskar Hansen, mas também pode ser realizada na sala de aula. No final deste dossiê encontra-se a planificação de um paralelepípedo que pode ser explorado de muitos modos. Ficam aqui algumas sugestões, porém a proposta é aberta. O educador pode apropriar-se desta peça e desenvolver outras atividades. Cada aluno recebe uma planificação de um paralelepípedo com três faces pretas e três brancas. Com um x-ato o professor ou alunos mais crescidos devem cortar as marcas assinaladas. A seguir devem recortar a planificação e colar construindo o sólido. Com este sólido podem:

- Organizar um dispositivo didático de turma utilizando três ou quatro paus de balão nos quais vão encaixando as peças. Rodando as faces podem explorar diferentes composições, padrões, ritmos e se colocarem um fundo (cartolina de outra cor) novas composições surgem e a relação figura/fundo também pode ser explorada.
- Individualmente ou em pequenos grupos podem explorar a noção de escala desenhando e recortando figuras humanas de diferentes tamanhos. Podem utilizar revistas com fotografias de pessoas e partir daí para transformar o sólido num objeto pequeno, numa casa ou prédio.
- Construir, em grupos numerosos ou mantendo a turma inteira, uma maquete de cidade que pode ser: mais funcional e ortogonal como a modernista, mais próxima das ideias de Oskar Hansen com base no Sistema Linear Contínuo ou mesmo uma resultante dos ideais do grupo.



A exposição "Oskar Hansen: Forma Aberta" é comissariada por Aleksandra Kedziorek e Lukasz Ronduda e organizada pelo Museu de Arte Moderna de Varsóvia e pelo Museu de Arte contemporânea de Barcelona (MACBA), em associação com o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto.

Comissariado: Aleksandra Kedziorek e Lukasz Ronduda

SERVIÇO EDUCATIVO ARTES

COORDENAÇÃO


Liliana Coutinho

PRODUÇÃO

Cristina Lapa, Diana Cruz

Apoio institucional



Fundação de Serralves / Rua D. João de Castro, 210 / 4150-417 Porto / www.serralves.pt / serralves@serralves.pt  Siga-nos em [Follow us at www.facebook.com/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

Mecenas Exclusivo do Museu

